

REFLEXÕES ACERCA DA INDISCIPLINA ESCOLAR

Vanessa Aparecida Käfer¹

Deise Josene Stein²

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo trazer reflexões sobre a indisciplina escolar, buscando compreender quais são as influências desta no que se refere a aprendizagem dos alunos. Entendemos que é necessária uma reflexão teórica para a compreensão sobre o que realmente leva o aluno assumir uma postura indisciplinada. A análise deve estar voltada a uma visão holística do professor a essas ações, considerando que alunos e docentes estão envolvidos no processo de ensino-aprendizagem. Dessa forma, a pesquisa esteve pautada numa pesquisa bibliográfica, que refletiu sobre o tema proposto. Dessa forma, a contribuição desse trabalho está diretamente ligada à prática do professor e as interferências saudáveis que a sua postura assume diante das atitudes que surgem em sala de aula, sendo assim, o mediador na construção de uma identidade que seja efetiva, e que não esteja voltada a liquidez das relações que a sociedade impõe aos cidadãos.

Palavras-Chave: Indisciplina Escolar. Modernidade Líquida. Ensino-Aprendizagem.

Abstract: This study aims to bring reflections about school indiscipline, seeking to understand what are the influences of this in what refers to student learning. We understand that a theoretical reflection is necessary for understanding what really leads the student to take an undisciplined stance. The analysis should be focused on a holistic view of the teacher to these actions, considering that students and teachers are involved in the teaching-learning process. Thus, the research was based on a bibliographical research, which reflected on the proposed theme. Thus, the contribution of this work is directly related to the teacher's practice and the healthy interferences that his / her attitude assumes in front of the attitudes that arise in the classroom, being thus the mediator in the construction of an identity that is effective, and that does not Is focused on the liquidity of the relations that society imposes on citizens.

Keywords: School Discipline. Net Modernity. Teaching-Learning.

1 INTRODUÇÃO

Pensar educação é pensar no bem-estar de todos os protagonistas desse espaço, que não medem esforços para buscar qualidade e êxito em seus feitos. Afinal, sala de aula é lugar de construir, buscar, aprender e vivenciar as situações que envolvem os próprios alunos, porém, tudo parece utopia quando são os professores os responsáveis em mediar essas aprendizagens e que no momento de fazê-lo, se veem aprisionados diante das atitudes de alunos indisciplinados.

¹ Acadêmica do VIII Semestre do Curso de Pedagogia da FAI-Faculdades. vanessakafer1995@gmail.com

² Psicóloga e professora do Curso de Pedagogia da FAI-Faculdades. deise.stein@seifai.edu.br

Considerando esses aspectos, não se torna difícil observar que no decorrer da carreira profissional do professor, muitos são os desafios encontrados cotidianamente no ambiente escolar e que desafiam o trabalho do mesmo em sala de aula. Todavia, um dos problemas que mais aflige o educador é a indisciplina do aluno, situação está presente na maior parte das escolas e, indiscutivelmente um dos problemas mais desafiantes para o educador. Neste sentido, cabe estudar sobre qual a maneira adequada de agir frente a isso. Sabemos que diante da indisciplina escolar é comum os professores sentirem-se reféns em sala de aula e os alunos por sua vez, percebendo essa insegurança, passam a controlar todo o ambiente.

O tema norteador deste trabalho, indisciplina escolar, tem relevância acadêmica e profissional pelo fato de atingir diretamente alunos, professores e comunidade escolar, que buscam de diversas formas, ações para amenizar esse fato que se contradiz ao verdadeiro objetivo da escola, que é de tornar o aluno um cidadão reflexivo, pensante e responsável por suas próprias atitudes. A indisciplina dos alunos nas escolas se faz presente na maior parte dos níveis de ensino, e se torna visível à medida que o professor sente dificuldades em mediar essas atitudes em sala de aula, tomando uma posição correta em relação àquilo que presencia, levando com superficialidade o que pode gerar maiores problemas.

Socialmente, o tema leva a reflexão de que, os mesmos alunos com ações indisciplinadas que estão na escola, são os que tomam suas atitudes diante da comunidade, refletindo nela o que vivenciaram em sala, assim, percebemos que a escola, a família e a sociedade são alicerces indissociáveis, formando uma tríade que constrói o ser, pois a primeira forma conduz, a segunda é a educação primária de toda e qualquer pessoa, sendo que é dela que nascem os valores e põem fim a sociedade que é o espaço em que isso se reflete.

Compreender o que leva um aluno a ter ações indisciplinadas exige do professor um olhar singular diante dos fatos, e isso requer uma quebra de paradigmas e “pré-conceitos” que não existindo, favorece a boa convivência entre alunos e professores. Assim sendo, indagar sobre a atuação do professor diante da indisciplina é relevante no sentido de pensar o aluno como ser único, e que a maneira como nos relacionamos com ele torna o processo de mediação do conhecimento, um caminho mais rico e prazeroso.

2 INDISCIPLINA: CONCEITOS, DEFINIÇÕES E REFLEXÕES

A (in)disciplina na sala de aula é assunto que pode ser pensado desde o surgimento das primeiras escolas. No entanto, sabemos que em séculos passados os alunos não tinham liberdade de se expressar, não tinham autonomia, contradizer seu professor era considerado um

afrente. Dessa maneira, os alunos eram ensinados a reproduzir o conhecimento que recebiam, assim, concordando ou não com isso, era dessa forma que as “coisas iam bem”. Nesse contexto, porém, havia alunos indisciplinados, que não respeitavam essas regras de convivência em sala, eram nesses momentos que o autoritarismo do professor prevalecia, castigos físicos e psicológicos eram usados para repreender o aluno e readequá-lo aos padrões de comportamento aceitável para aquele período histórico.

Parrat-Dayán (2015, p.18) demonstra este cenário educacional, quando afirma que “no século XIX, a escola implicava disciplina e castigo, ou seja, o ensino exigia disciplina e a disciplina exigia castigo. Quem era disciplinado era submisso e obediente, quem era indisciplinado era rebelde e desobediente”. E acrescenta que:

Durante o século XIX e ainda no século XX o professor era a figura autoritária por excelência. Ele falava, ensinava, impunha suas regras sem qualquer discussão e transmitia o conhecimento. Os alunos não podiam falar nem perguntar, e deviam permanecer num silêncio absoluto dentro e fora da aula. A indisciplina não era frequente, mas existia. (PARRAT-DAYAN, 2015, p.19)

Partindo deste conhecimento e percebendo a maneira como a escola conduzia o processo de ensino-aprendizagem, entendemos que o autoritarismo do professor era uma conduta temida pelos alunos. Estes por sua vez, reconheciam-se como inferiores diante da superioridade do professor. Caso houvesse contradições àquilo que o professor dizia era tido como correto, logo, a punição e o castigo eram a maneira encontrada para controlar as inquietações dos mesmos.

Refletindo sobre o contexto histórico escolar podemos perceber que a indisciplina sempre esteve presente no cotidiano das escolas, contudo, o que justifica as mudanças e a maneira de conduzi-las é a mudança da finalidade da escola, pois se antes ela servia para moldar e adequar o aluno à realidade, hoje, ela se tornou referência em formar cidadãos críticos e ativos na sociedade em que vivem e interferem.

Analisando acerca da maneira do professor resolver situações de “indisciplina” dos seus alunos, é importante questionar se os alunos realmente tinham atitudes indisciplinadas, ou se os professores é que abusavam da sua autoridade em sala, não estando preparado para mediar essas situações. Dessa forma, sem conhecer maneiras adequadas de abordar tais comportamentos indisciplinados dos seus alunos a única alternativa encontrada era o castigo. Cabe aqui, destacar La Taille (1994), quando refere que os alunos, tiveram mais reconhecimento enquanto pessoa, podendo expor ideias, ganhando espaço e com isso, tornando-se desobedientes aos olhos da sociedade, enquanto que em outros momentos históricos, os alunos não tinham abertura para se expressar, questionar, ou contradizer ideias, para assim, serem considerados disciplinados.

Assim, compreendemos que sempre houveram limites para que a educação acontecesse, sendo estes fundamentais para uma educação de qualidade. No entanto, a metodologia utilizada pelo educador para solucionar problemas de indisciplina merece atenção, pois uma situação é aluno indisciplinado, outra, é aluno rotulado pelos seus comportamentos. Este último acaba por dificultar ainda mais a abordagem adequada do problema.

Sendo assim, acompanhando a evolução que a educação sofreu no decorrer dos tempos, deve reconhecer a dificuldade encontrada pelos educadores e estudiosos da área da educação para definir e conceituar a indisciplina, o que torna o tema mais difícil de ser abordado. Parrat-Dayán (2015, p. 19) descreve que “como toda criação cultural, o conceito de indisciplina não é estático, nem uniforme, nem universal. A indisciplina relacionou com um conjunto de valores e expectativas que variam ao longo da história, entre culturas diferentes, nas diferentes classes sociais”.

Diante desta abordagem apresentada pela autora supracitada, entendemos que a cultura em que o ser humano está inserido, influencia diretamente no seu comportamento em relação àquilo que recebe e que transforma em ações e, que parte daquilo que vivencia, assim como os valores morais que constrói a partir daquilo que acredita com o passar do tempo também sofre alterações enquanto concepção.

Pedro-Silva (2013, p. 77) argumenta que,

[...] quanto à conceituação de indisciplina e, por consequência de disciplina, definimo-la como toda ação moral executada pelo sujeito e que está em desacordo com as leis impostas ou construídas coletivamente, tendo o indisciplinado consciência ou não deste processo de elaboração.

A partir desta conceituação, temos uma percepção de que a moralidade humana está em consonância à forma como o ser humano se relaciona com a sociedade, a vivências que constrói nas relações humanas e na concepção de valores (certo e errado) que reorganiza interiormente quando essa dinâmica social acontece e permite uma reciprocidade de interferências de uma para o outro.

Dessa forma, destacamos a importância de refletir a indisciplina enquanto conceito moral e social, pois, as ações humanas vivenciadas e os valores que se reorganizam com o decorrer dos tempos são elementos fundamentais para a compreensão dos comportamentos. A educação por sua vez, também possui responsabilidade nas ações do homem social, acabando por exercer influência em diversos contextos. Parrat-Dayán (2015, p. 20) afirma que “um dicionário atualizado de educação diz que a disciplina é um conjunto de regras de conduta,

estabelecidas para manter a ordem e o desenvolvimento normal de atividades em uma sala ou num estabelecimento escolar”.

As definições são semelhantes dentro da finalidade geral de indisciplina, assim, Rego (1994, p.85) também discute o conceito de indisciplina na escola afirmando que,

[...] no meio educacional esta visão é bastante difundida. Costuma-se compreender indisciplina, manifesta por um indivíduo ou um grupo, como um comportamento inadequado, um sinal de rebeldia, intransigência, desacato, traduzida na “falta de educação ou de respeito pelas autoridades”, na bagunça ou agitação motora. Como uma espécie de incapacidade do aluno (ou de um grupo) em se ajustar às normas e padrões de comportamento esperados. A disciplina parece ser vista como obediência cega a um conjunto de prescrições e, principalmente, como um pré-requisito para o bom aproveitamento do que é oferecido na escola.

Assim, a partir dos conceitos apresentados, trazemos a compreensão de que de modo geral, a indisciplina se apresenta como forma de regular às atitudes do ser humano, ajustando-o aos padrões pré-estabelecidos diante dos valores considerados aceitos pela sociedade geral, para que assim, a ordem social seja controlada.

Fazendo um paralelo entre o conceito geral de disciplina e o conceito direcionado especificamente para as salas de aula, percebe-se semelhanças no que se refere a questão moral de se adequar às regras e obrigações de cada contexto. Assim, temos a escola como lugar no qual a disciplina é tratada como uma maneira de adequar os alunos às diferentes situações que o envolvem na coletividade.

Cabe aqui destacar as reflexões de La Taille (1994) quando refere que entender disciplina como os comportamentos regidos por um conjunto de normas socialmente estabelecidas, leva a duas linhas de interpretação de indisciplina, primeiro como sendo a revolta contra essas normas e a segunda, como o desconhecimento dessas normas. No primeiro caso, a indisciplina passa a se tornar consciente diante dos fatos apresentados, já a segunda, é pela falta de conhecer as normas sociais de relações.

A partir da compreensão destes pontos é que o professor deve: analisar, refletir e agir em relação às atitudes dos alunos. Um aluno sempre virá para a escola trazendo vivências particulares, um contexto familiar e social. Cabe ao educador mediar os acontecimentos, e, dessa maneira levar em consideração apenas um conhecimento superficial sobre o aluno não possibilitará ao professor intervir da maneira adequada nestas situações. O profissional atento em seus alunos e no seu desenvolvimento contínuo saberá distinguir problemas de indisciplina de problemas externos que afetam o comportamento dos alunos na escola.

No que se referem a estes problemas externos, os mesmos podem surgir a partir de situações familiares, sociais e assuntos particulares que acabam por se refletir diretamente no comportamento e na aprendizagem do aluno. O educador capaz de ter um olhar singular para cada aluno e as situações que o envolvem, terá maior clareza sobre o real problema que o afeta. Contudo, temos também os educadores que não buscam dialogar e conhecer o seu aluno, levando a dificuldades no processo de ensino-aprendizagem, além de levar a impossibilidade de mediar os conflitos que vierem a surgir.

Essas questões permeiam continuamente a realidade dos profissionais da educação, se tornando por vezes um obstáculo. Alguns professores sentem-se perdidos em sala de aula diante da indisciplina de seus alunos, sem saber como direcionar as questões que envolvem os mesmos. Vale ressaltar que, é necessário o educador tenha o compromisso de despertar para novas metodologias, a fim de, repensar questões, como a indisciplina dos alunos, pois, também é função do professor, auxiliar os alunos na resolução de impasses que surgem cotidianamente.

Nas salas de aulas muitos são os empecilhos e dificuldades encontradas pelo professor na sua função de mediar e construir conhecimento, estas vão desde as más condições de trabalhos, baixa remuneração e descaso com a carreira, como também as dificuldades encontradas por vezes na relação professor-aluno.

É importante destacar ainda, a compreensão de que a sala de aula é o espaço em que a heterogeneidade se manifesta, e que a partir disso o professor deve harmonizar a sua metodologia de ensino, a qual deve ser envolvente, diversificada, partindo da realidade do aluno e daquilo que ele compreende para assim aprimorar o conhecimento. E, neste processo dinâmico que possíveis conflitos podem se apresentar, desafiando o educador a repensar continuamente a sua prática docente.

Aliás, não se pode esquecer que a escola é um lugar de possibilidades, porém, as dificuldades encontradas pelos professores em sala, é, em muitos casos conciliar a prática de fortalecer e exercitar a autonomia do aluno, e, neste processo acabar por não ter a habilidade de conduzir essa autonomia para o processo educacional, acabando por perder o controle da situação.

Partindo desse ponto de vista, Aquino (1994, p. 40) traz uma importante reflexão quando pontua que “a visão, hoje quase romanceada da escola como lugar de florescimento das potencialidades humanas parece ter sido substituída, às vezes, pela imagem de um campo de pequenas batalhas civis; pequenas, mas visíveis o suficiente para incomodar”. Diante desse fato,

encontramos professores mais preocupados nas situações que possivelmente terão que resolver, do que com aquilo que irão construir de conhecimento.

A sala de aula está longe de ser o espaço idealizado por muitos professores, ou seja, um espaço sem conflitos, e de foco unicamente no processo de ensino-aprendizagem. Contudo, o educador deverá estar capacitado para valer-se destes conflitos e construir a partir destas situações-problemas uma nova forma de educar.

Neste sentido, Guimarães (1994, p.78) destaca que,

A escola, como qualquer outra instituição, está planejada para que as pessoas sejam todas iguais. Há quem afirme: “*quanto mais igual, mais fácil de dirigir*”. A homogeneização é exercida através de mecanismos disciplinares, ou seja, as atividades que esquadriham o tempo, o espaço, o movimento, gestos e atitudes dos alunos, dos professores, dos diretores, impondo aos seus corpos uma atitude de submissão e docilidade.

Refletindo sobre estes apontamentos, entendemos que em muitos casos a escola está organizada apenas para moldar o ser humano, tendo o papel voltado para a questão disciplinadora, procurando enquadrar os sujeitos de acordo com as situações. Contudo, devemos destacar a escola como espaço humanizador que favorece o desenvolvimento da autonomia e que conduz os seus alunos a compreensão das suas ações, acabando por formar um cidadão que saiba transformar o espaço em que está inserido, tornando-se agente ativo de mudança na sociedade.

Partindo dessa premissa, Aquino (1994, p. 52), acredita que,

O papel da escola, então, passa a ser o de fermentar a existência do sujeito perante a incansável aventura humana de *desconstrução* e *reconstrução* dos processos imanentes à realidade dos fatos cotidianos, na incessante busca de uma visão mais dilatada de suas múltiplas determinações e dos diferentes pontos de vista sobre eles. Isto, a nosso ver, define o conhecimento no seu sentido lato.

Esse é o verdadeiro movimento que a escola deve exercer ser presença ativa e transformadora na construção do ser, entretanto, é importante destacar que toda mudança sofre uma violência interna de quem a sofre, e a partir disso, ela se torna indisciplina na medida em que o professor e os alunos não conseguem mediar às atitudes com as interferências sofridas. Com toda essa dinâmica, os alunos encontram maneiras de serem percebidos, sejam através de ações indisciplinadas ou não, e, muitas vezes os professores, não conseguem trabalhar essa questão.

Assim, Guimarães (1994, p.77), reflete que,

A indisciplina aparece aqui sob todas as formas de conflito que incorporam uma capacidade de resistência dos pequenos grupos e expressam-se quer sob uma aparente submissão, quer através de excessos de todos os tipos: depredação, pichações, zombarias, riso, ironia, tagarelice [...].

Entendemos que os alunos transformam as suas inquietações em inúmeras características indisciplinadas na tentativa de controlar a situação, deixando o professor sem saber como resolver esses conflitos, que internamente afetam o aluno nas suas particularidades e transformações que surgem no decorrer das interferências exteriores.

No entanto, a partir de reflexões sobre esse contexto percebemos que atualmente a escola tem a incumbência de formar um cidadão coerente com o meio em que vive, e isso se justifica nas palavras de Justo (2013, p. 41) quando afirma que,

A sociedade não requer mais aquele sujeito reto, parado, coerente, previsível, controlado, comedido, estável, persistente, organizado, uno, indivisível...Requer ao contrário, um sujeito plástico, flexível, criativo, fragmentado, múltiplo, difuso, impulsivo, intempestivo, incontrolável, e aventureiro. Um sujeito que possa transitar de um lugar para o outro, migrando também internamente, percorrendo todos os seus espaços interiores, alargando o máximo possível suas possibilidades afetivas, cognitivas, e executivas, acelerando ao extremo o ritmo de seu funcionamento.

Assim, diante do atual cenário social, percebemos que o ser humano e seu papel na sociedade sofreu fortes transformações e, que pessoas apenas são reprodutoras de ações e estáticas, e possuem um espaço reduzido na sociedade. Sendo assim, o que a sociedade espera é pessoas ativas, flexíveis e criativas, que consigam atuar em consonância com a sociedade moderna que se instaurou e exige tais características.

Partindo deste pressuposto, é necessário pensar sobre as ações dos alunos no contexto escolar, e assim, a partir de tal análise repensar a função da escola e a preparação de seus profissionais para atuar de maneira a atender essa demanda social. Tomando a sala de aula, a preocupação central dos educadores deveria estar em possibilitar aos educandos uma formação que atenda a essas questões. É válido afirmar, que as pesquisas têm demonstrado profissionais preocupados em adequar comportamentos àquilo que consideram melhor. (JUSTO, 2013)

Dessa forma, outro ponto importante a ser destacado é a questão do rótulo atribuído ao aluno que não se adequar comportamentalmente a forma desejada, o que acaba por limitar o potencial do educando. Nesse sentido, a escola deve oferecer aos alunos possibilidades de refletir sobre suas ações, mostrando-lhe as consequências de seus atos, sem deixar de considerar o que levou a prática deste comportamento.

Partindo das reflexões propostas por Freire (1996, p. 28) podemos compreender que “o educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade do educando, sua curiosidade, sua insubmissão”. A partir desta premissa, entendemos que o professor deve abrir caminhos para que o aluno cresça e se desenvolva plenamente, dando-lhes possibilidades e apoiando-lhes diante da sua construção de identidade social. Desta maneira, a prática democrática do professor se efetiva não no momento em que trata todos os seus alunos da mesma maneira, mas sim quando trabalha as individualidades e necessidades de cada um, estimulando-os em suas dificuldades e fortalecendo suas habilidades.

Com isso, não se pode negar que haverá conflitos e que essa tarefa será árdua tanto para o professor quanto para o aluno, pois aprender significa incorporar uma nova concepção, e que esta desafiará suas crenças, porém, para que a escola como participante ativa desse processo desempenhe com eficácia sua tarefa, ela precisa estar preparada para os possíveis conflitos que surgirão, uma vez que,

[...] a formação de um aluno crítico, capaz de pensar e intervir na realidade social e exercer assim uma conduta cidadã, o exercício do pensamento crítico na escola pode tomar a forma de condutas de rebelião e criar situações de conflito com as quais os professores não estão suficientemente preparados para lidar. (PARRAT-DAYAN, 2015, p. 22)

Sob esta ótica, o professor deve estar capacitado para ensinar, como também para saber como mediar essas situações, pois se forma o ser humano para que este seja dinâmico e crítico sobre aquilo que presencia. O educador deve estar preparado para receber as respostas dos alunos diante daquilo que o prepara, pois dessa forma, estará demonstrando sua habilidade didática e sua preocupação com a formação integral dos alunos enquanto cidadãos.

Cabe destacar que conflitos são inerentes ao ser humano e se fazem necessários na relação entre as pessoas, pois, é através do conflito mediado adequadamente que o aluno se desenvolve plenamente. É importante que os educadores saibam que nem todas as condutas dos alunos que não correspondem ao que eles entendem como sendo corretas ou como aquelas pré-estabelecidas, serão atitudes indisciplinadas, mas sim, uma forma encontrada pelo aluno para se opor àquilo que o confronta ou àquilo que está estabelecido na sociedade como regras de conduta.

Assim, o professor não deve temer ou desacreditar no seu ensinar, já que, como Marcellino (2009, p.63) pontua,

[...] é preciso que o professor entenda, que, no processo pedagógico, não há “donos” exclusivos do saber, e que ao educar ele também se educa. É preciso que o professor entenda como Paulo Freire afirma, que sem a coragem de correr o risco, não existe educador.

Por consequência, o professor deve ser corajoso naquilo que se propõe a fazer, precisa ter a capacidade de mediar aquilo que ele sabe em relação àquilo que faz parte da vida do aluno. Assim, a criatividade e a coragem devem ser aspectos intrínsecos ao ser professor. É dele a liderança, a autonomia e a intencionalidade do processo ensino-aprendizagem, pois, os reflexos das atitudes dos educadores, serão visíveis aos seus alunos, inspirando-os.

É importante que o educador mostre à criança aquilo que ela pode fazer, a maneira que o pode, encorajando-a em seus temores e estimulando-a em seus fracassos. Contudo, não é adequado privar a criança de fazer e saber, já que a curiosidade infantil é natural, assim, é imprescindível deixar que ela descubra essas possibilidades, compreendendo sempre o outro como ser humano que também precisa respeitar limites.

Neste sentido Zagury (2005, p. 17) aponta que,

Ninguém pode respeitar seus semelhantes se não aprender quais são seus limites – e isso inclui compreender que nem sempre se pode fazer *tudo o que se deseja na vida*. É necessário que a criança interiorize a ideia de que poderá fazer muitas, milhares, a maioria das coisas que deseja – mas nem tudo e nem sempre. Essa diferença pode parecer sutil, mas é fundamental. Entre satisfazer o próprio desejo e pensar no direito do outro, muitos tendem a preferir satisfazer o próprio desejo, ainda que por vezes, prejudiquem alguém.

Assim, percebemos que na maioria dos casos, as crianças assimilam a ideia de limite, porém, o que elas fazem é testar os adultos (pais, professores), satisfazendo o próprio desejo antes de pensar no outro. É com essas atitudes que os educadores se veem perdidos, quando percebem que seus alunos chegam às salas de aulas dispostos a descobrir o seu espaço, testando o seu próprio limite, transformando a sala num lugar de desordem e bagunça.

3 INDISCIPLINA E APRENDIZAGEM: POSSÍVEIS APROXIMAÇÕES

No processo constante de aprendizagem pelo qual o ser humano passa e os conhecimentos que adquire ao longo da vida, tornam-se elementos fundamentais para o seu desenvolvimento as dificuldades e mecanismos de superação encontrados. Ou seja, a forma de construção dinâmica de crescimento influencia diretamente os docentes em sua atuação, considerando as formas com que os mesmos vivenciaram suas fases de desenvolvimento. E, em

muitos casos o que se observa são docentes, buscando reproduzir com seus alunos os mesmos padrões aos quais foram submetidos.

A realidade encontrada atualmente por docentes e alunos no palco escolar, é que ambos são os protagonistas do espaço de sala de aula. No entanto, neste cenário muitos obstáculos e entraves são encontrados, e, muitas vezes, acabam por dificultar uma relação adequada, uma construção e uma mediação saudável na busca de potencializar o saber através das interações, que se mostram como um importante meio para tornar essas descobertas próximas daquilo que se busca.

Assim sendo, é no cenário da escola que o professor deve auxiliar os alunos nas mudanças pelas quais passam, e pensando nisso que Parrat-Dayan (2015) declara que todo educador deve estar capacitado para atender, acompanhar e ajudar os alunos na transição de etapas da sua vida. E para que isso se concretize, os docentes precisam estabelecer os limites necessários que permitem os alunos, canalizar todo o potencial que possuem na direção da construção de um projeto baseado na dignidade humana. A sintonia entre o que o professor ensina e a necessidade do aluno em aprender para a sua realidade faz a diferença para que este se sinta seguro em buscar o que se torna fundamental no seu cotidiano.

Quando essa relação não é estabelecida com clareza entre aluno e professor, pode haver lacunas na aprendizagem do aluno, como também esgotamento físico e psicológico do professor. Por conseguinte, essas dificuldades na relação podem estar associadas à indisciplina, e isso não permite que o aluno estabeleça uma construção de conhecimento, porém pode encontrar alternativas para contornar as situações que provocam esses conflitos.

Segundo Parrat-Dayan (2015) uma maneira de enfrentar o problema da indisciplina é ensinar os alunos a discutir. A discussão pode ajudar na disciplina, fazendo parte do processo de ensino. Neste sentido, aprender a discutir tornar-se um objeto de ensino na escola, pois é parte fundamental para a vida. Aprender a defender-se, a argumentar, trocar ideias e pontos de vista, a escutar, a questionar, a propor alternativas para um problema, como também, entender o significado de um debate faz parte da construção humana.

Essa construção pode partir de situações cotidianas que envolvam os alunos nessa dinâmica, de forma que o mesmo se sinta envolvido e peça importante dentro do espaço escolar. Essas interações podem partir também das próprias ações do aluno diante de atitudes indisciplinadas, em um espaço aberto para que o aluno exponha suas ideias, em relação àquilo que acredita estar associado às suas ações.

Ainda com a intenção de promover no aluno, a construção do conhecimento a partir de situações vivenciadas, o professor pode instigar o aluno na resolução de conflitos. Segundo Parrat-Dayan (2015, p. 93),

[...] enfrentar o conflito é, para os alunos uma oportunidade de trocar pontos de vistas, de argumentar, de propor soluções, de dialogar, de procurar uma solução em comum e construir a autonomia de cada um. E sabemos que todas essas ações não apenas favorecem a aprendizagem, mas também favorecem o desenvolvimento da criança.

O professor diante de situações distintas deve encontrar formas de construir um aluno autônomo a partir de suas dificuldades. E assim, tendo a sabedoria de mediar com maestria, situações que, em sua consequência, causam desordem. Os conflitos em sala de aula são inevitáveis, porém se apenas o professor buscar resolvê-los como forma de manter a ordem, o aluno não compreenderá a importância do diálogo e da liderança na tomada de decisões.

Para os alunos sentirem-se confortáveis em relação à aprendizagem e para que o professor consiga estabelecer uma relação harmoniosa com os mesmos, é necessário que esteja convicto de seus objetivos e motive os alunos pela busca do aprender, como forma de crescimento humano, dessa maneira Eccheli (2008, p.201), assegura que,

Conseguir que os alunos se sintam motivados para aprender é o primeiro passo para a prevenção da indisciplina, e um grande desafio para o professor e a escola. Os professores desejam alunos que saibam respeitar os seus colegas e que consigam se engajar em atividades que exijam concentração e esforço para aprender.

As estratégias utilizadas pelo professor devem atingir os alunos, de modo que seu interesse seja espontâneo, a sua curiosidade instigada e seu conhecimento acrescido a partir de suas necessidades. Dessa forma, o professor contribuirá no processo de ensino-aprendizagem dos alunos, partindo de todas as situações que acontecem na escola, desde as mais harmoniosas às mais tumultuadas. No entanto, o professor não deve compreender como comportamento disciplinado aquele em que o aluno se apenas se silencia e fica em atitude passiva, uma vez que, comportamentos assim não são sinônimos de aprendizados.

Considerando os aspectos inerentes ao período escolar, estes são descobertos a cada novo ano e assim, a indisciplina apresenta-se, muitas vezes, como forma de evidenciar as dificuldades encontradas nesse processo. Parrat-Dayan (2015, p. 74) aponta que “a vida escolar intervém na formação do cidadão porque no espaço da vida escolar podem ser penadas as relações com os outros e porque nesse espaço pode se organizar uma experiência de responsabilidade, diálogo debate e confrontação com os outros”. Nesse contexto, o aluno está

à frente de situações novas, que o tiram da zona de conforto e o faz pensar no outro como possibilidades para seu próprio crescimento.

O pensamento disciplinar deve partir da escola como uma proposta que configura um crescimento pessoal a seus alunos e não como um eterno objetivo a ser atingido ou ainda apresentado como mera utopia. No entanto, para que isso aconteça à tarefa de disciplinar deve estar aliada ao processo de formar seres humanos críticos e ativos.

Neste sentido, Parrat-Dayan (2015, p.77) afirma que,

A linha disciplinar da escola deveria figurar no projeto político-pedagógico, não apenas como um conjunto de normas que organizam o ambiente escolar, mas, também, como um objetivo educacional. Para conseguir esse objetivo, deve-se estimular o aprendizado cooperativo, valorizar o aprendizado, cultivar expectativas alta em relação ao desempenho escolar, à socialização e às condutas dos alunos. Uma escola disciplinada supõe compartilhar com os alunos e comunicar-lhes o que se espera deles com relação à apreciação de suas potencialidades, com a finalidade de que eles possam assumir suas responsabilidades junto com a escola. Isto supõe, também, a participação do aluno. Outro elemento preventivo é um ambiente escolar humano, democrático, que valoriza o diálogo, a afetividade e a obediência aos direitos humanos.

Os professores juntamente com a direção da escola, devem buscar os alunos nos diferentes espaços, estimulando, incentivando e dialogando com os mesmos como forma de aproximá-los desse ambiente, tornando-o parte importante do meio escolar e, consequentemente potencializando suas competências e atribuindo-lhes responsabilidades. Nessa relação, o aluno compreende a importância do estabelecimento de regras, para que essa interação seja harmoniosa, aprendendo dessa maneira, a conviver com elas desde cedo.

Parrat-Dayan (2015) afirma ser necessário que os alunos internalizem e respeitem as regras e os valores vindos dos pais e professores, sendo que, se respeitam esses limites é possível que com a ajuda de educadores e pais, consigam ir além desses limites estabelecidos, criando novas regras no momento que reconhecem as anteriores. Dessa forma, encorajá-las ao novo, apontando-lhes os limites, lhes dá segurança, e não as impede de descobrir os pontos positivos das regras.

Nessa perspectiva, Santos (2013, p.8) destaca que,

A indisciplina pode ser canalizada para o aprendizado de forma criativa; esse potencial pode ser utilizado perfeitamente para construção de saberes, mudança de paradigmas e transformação social [...]. As descobertas diárias e contínuas do educando precisam ser contadas, expostas, compartilhadas. Ele está aprendendo e também quer ensinar. A indisciplina não é, portanto, um empecilho ao aprendizado; é um anúncio, um sinal de uma aprendizagem que não se limita ao contexto de sala de aula, que é dinâmica, imanente ao educando e transcende a formatação institucional.

Na dinâmica de ensinar e aprender, o professor precisa ser aberto não apenas nesse processo, como também na diversidade em suas metodologias, adequando-as às necessidades dos seus alunos, que, enquanto seres humanos diferentes social e culturalmente, sonham, buscam e acreditam em diferentes ideias, encontrando na escola, um caminho que auxilie no processo de construção humana. A indisciplina enquanto consequência da aprendizagem concreta, podemos apresentar, nas discussões construtivas sobre determinado tema, vistas como construções dialogadas de conhecimento. E nessa dimensão, o aluno se sente desafiado a questionar, testar seus limites e promover o desconforto dos que procuram a acomodação.

Neste sentido, o professor necessita encontrar maneiras diferentes de mediar a aprendizagem, que se mostrem eficazes no processo de ensino-aprendizagem, a partir das diferenças existentes na sala de aula. Zagury (2005, p. 40) afirma que “educar envolve um novo desafio a cada dia. Cada situação tende a se repetir muitas e muitas vezes, transmutada em outras formas, porém com a mesma essência”. As situações promovidas pelos alunos podem se manifestar no cotidiano, porém a forma como o professor resolve e media o problema, é que mostra a eficiência e habilidade do educar transformando o seu ensinar.

É importante permitir o aluno, na sua incessante curiosidade em descobrir o mundo, a busca de algo a mais, torna-o autônomo na vida, em sociedade, na vivência dos grupos, possibilitando-lhes uma visão ampla de mundo. Freire (1996, p.64) assegura que “a consciência do mundo e a consciência de si como ser inacabado necessariamente inscrevem o ser consciente de sua inconclusão num permanente movimento de busca”. O ser humano está num processo contínuo da busca do aprender, e isso se torna consequência das atitudes e influências que a escola, o meio social e o meio familiar tem na conduta humana.

Zagury (2015, p. 23) elenca que disciplinar e dar limites constitui-se em:

- Ensinar que os direitos são iguais para todos;
- Ensinar que existem OUTRAS pessoas no mundo;
- Fazer a criança compreender que seus direitos acabam onde começam os direitos dos outros;
- Dizer “sim” sempre que possível e “não” sempre que necessário; □ Mostrar que muitas coisas podem ser feitas e outras não podem ser feitas;
- Fazer a criança ver o mundo com uma conotação social (con-viver) e não apenas psicológica (o meu desejo e o meu prazer são as únicas coisas que contam) [...].

O educador não deve ter medo de tomar a atitude que considera correta na resolução de problemas. Apesar disso, deve ter consciência de que suas ações influenciam direta ou indiretamente na construção de seus alunos enquanto seres humanos. Desta forma, deve

compreender a realidade, as necessidades, os anseios, e quais as interferências que as mesmas provocaram no aluno para apresentarem atitudes indisciplinas.

A aprendizagem se torna efetiva a partir do momento em que o aluno, diante das suas dificuldades e de atitudes vistas como indisciplinadas, tem habilidades e competências desenvolvidas para compreendê-las, autonomia para decidir coerentemente, sabedoria para viver em sociedade, e inteligência para aprender a conviver consigo próprio compreendendo a diversidade daquilo que o cerca. No entanto, cabe também a escola a incumbência de desmitificar a ideia de que aluno quieto e passivo é sinônimo de aluno disciplinado e assim, propiciar através de sua prática uma aprendizagem significativa, e que desperte no aluno o anseio pela busca, que instiga que debate e que encontra soluções para o que acredita ser importante para a boa convivência social, respeitando a si e aos outros.

Assim, a vida humana se resume em uma aprendizagem constante de desenvolvimento, em suas diversas relações, e isso é o que enriquece todas as formas de aprendizagem. Entendemos que se torna fundamental para a existência humana, é aquela que ensina o homem a tornar-se melhor naquilo que faz, acredita e pensa. A indisciplina, nessa concepção, se torna uma ferramenta que auxilia o aluno em transformação a desafiar-se em relação aquilo que aprende, pois, conhecer, não se faz tão necessário quanto aprender sobre algo, e isso se concretiza na medida em que as relações em sala de aula são construídas a partir das mediações e tocas de saberes entre alunos e professores.

4 A INDISCIPLINA ENQUANTO SINTOMA DE UMA MODERNIDADE LÍQUIDA

Diante das novas relações que se estabelecem na sociedade e das influências que as mesmas causam no ser humano, podemos pensar em uma nova construção de identidade diante da nova configuração social. As relações influenciam diretamente o homem, na forma como tecem questões sociais inclusive a maneira que representa e assimila a cultura que sofre e que reinterpreta em suas crenças.

Bauman (1998-2001) debate em seus estudos, que o homem se tornou produto de uma sociedade líquida, representada pela instabilidade social e falta de referência. Uma sociedade em que os relacionamentos são rápidos e movidos por interesses.

Desta forma, construir uma identidade dentro de tal realidade é sem dúvida um desafio humano. O que deve estar claro, é que nenhuma cultura é isolada e única, vista como patrimônio de uma civilização, porém, ela se modifica com o tempo e aprimoram-se conhecimentos de

senso comum se adaptando à realidade temporal. É dentro dessa cultura que se criam as identidades, neste sentido Bauman (1998, p. 18) afirma que,

[...] nenhum de nós pode construir o mundo de significações e sentidos a partir do nada: cada um ingressa num mundo “pré-fabricado”, em que certas coisas são importantes e outras não o são; em que as conveniências estabelecidas trazem certas coisas para a luz e deixam outras na sombra.

Partindo desse pressuposto, percebemos que o homem filtra de sua cultura o que lhe convém, e modifica aquilo que não contribuirá para construir sua humanidade, todavia, compreendemos que essa transformação gera conflito e desconforto, o que terá reflexos no decorrer de sua vida, desde sua infância, até a vida adulta, refletindo diretamente nos comportamentos em sala de aula.

A liquidez das relações não permite ao homem criar laços afetivos, com valores que fortalecem a construção do seu ser. Famílias desestruturadas, sem algum exemplo para seus filhos, escolas que não formam e não transformam sociedades excludentes e indiferentes diante das situações sociais, não permitem que o cidadão crie laços construtores do *eu*. Para essa construção a criança sente a necessidade de reconhecer no outro, aquilo que lhe servirá para a assimilação da importância das relações saudáveis, tornando-o mais tarde, um cidadão sólido em suas decisões e comportamentos. (BAUMAN, 1998).

Vale ressaltar que encontramos na sociedade atual, são desencontros de humanidade, de ser, de fazer e de compreender a necessidade do outro, dessa forma Bauman (1998, p. 36) afirma que,

Nesse mundo, os laços são dissimulados em encontros sucessivos, as identidades em máscaras sucessivamente usadas, a história da vida numa série de episódios cuja única consequência duradoura é a sua igualmente efêmera memória. Nada pode ser conhecido com segurança e qualquer coisa que seja conhecida pode ser conhecida de um modo diferente – um modo de conhecer é tão bom, ou tão ruim (e certamente tão volátil e precário) quanto qualquer outro.

Com o juízo de Bauman, podemos ter a compreensão de que a sociedade moderna perdeu o ideal de valores e relacionamentos. E criou-se a partir disso, uma nova estrutura social, onde o ser transformou-se solitário e individualista, indicando outras concepções e passando a ter outras necessidades de se estabelecer. O *ter* mostra-se a mais importante forma de dominação e poder, e isso deve ser conquistado ao custo que for, sem que se reflita a existência e necessidade do outro, na construção social das relações. É neste sentido que a função da escola

se configura como extremamente importante, e atuando em contramão a esta perspectiva líquida, na medida em que favorece o vínculo, a criticidade e harmonia.

A vida moderna se apresenta com uma constante reprodução e repetição de atitudes, em uma atividade de relacionamentos ensaiada cotidianamente. Neste sentido Bauman (2001, p. 43) aponta que,

A apresentação dos membros como indivíduos é a marca registrada da sociedade moderna. Essa apresentação, porém, não foi uma peça de um ato: é uma atividade reencenada diariamente. A sociedade moderna existe em sua atividade incessante de 'individualização', assim como as atividades dos indivíduos consistem na reformulação e renegociação diárias da rede de entrelaçamentos chamada 'sociedade'.

A sociedade mostrou-se incapaz de tornar o cidadão um construtor de cidadania, a partir valores que foram adquiridos durante a construção de identidade, e readequados às suas necessidades e capacidades atuais, podemos observar assim, as mesmas atitudes, os mesmos ideais e os mesmos objetivos. Dessa forma, a sociedade atual busca a homogeneidade do ser, tornando os seres humanos padronizados, pois, vê-se a incapacidade humana de conviver com o outro e a sua diferença e individualidade. Bauman (2001, p. 135) aponta que,

A capacidade de conviver com a diferença, sem falar na capacidade de gostar dessa vida e beneficiar-se dela, não é fácil de adquirir e não se faz sozinha. Essa capacidade é uma arte que, como toda arte, requer estudo e exercício. A incapacidade de enfrentar a pluralidade de seres humanos e a ambivalência de todas as decisões classificatórias, ao contrário, se autoperpetuam e reforçam: quanto mais eficazes as tendências à homogeneidade e o esforço para eliminar a diferença, tanto mais difícil sentir-se à vontade em presença de estranhos, tanto mais ameaçadora a diferença e tanto mais intensa a ansiedade que ela gera.

Compreendemos a partir da perspectiva do sociólogo Bauman, que os cidadãos se tornaram um produto de uma sociedade corrompida por valores que se tornaram líquidos e que se esvaem de sentidos e significações, impossibilitando nos seres humanos a capacidade de conviver com o próximo e a sua particularidade. Essa atitude de viver na relação com o outro, requer alteridade, e exercício de aceitação ao próximo como único, a partir das suas crenças e de sua essência.

A indisciplina, como sintoma de uma modernidade líquida, reflete-se na sala de aula, em alunos indecisos, com dificuldades para consolidar-se nas relações humanas e com necessidades de encontrar-se e construir-se como ser social. Bauman (1998) reflete que o mundo construído por objetos duráveis, que foram substituídos por produtos disponíveis que se tornam antiquados de modo imediato, e é nesse mundo em que as identidades podem ser

adotadas e descartadas como troca de roupa. A aversão dessa situação é que toda construção se mostra inútil, e o fascínio disso, se acha na questão de não estar comprometida por experiências passadas, mas sim, pela possibilidade das “portas abertas”.

O ser humano, busca a superficialidade das interações, e sente as dificuldades de se construir. Nas crianças e nos adolescentes isso se mostra com força na medida em que as relações deixaram de se fazer importante para seu crescimento e desenvolvimento, dando lugar ao individualismo, ao egocentrismo, e ao consumo, que se tornaram “doenças modernas”. Bauman (1998) afirma que se o consumo é a medida de uma vida bem-sucedida, da felicidade e da decência humana, então, inverteram-se os desejos humanos, sendo que nenhuma quantidade de aquisições e sensações emocionantes tem a probabilidade de satisfazer, de modo a ora, “manter-se ao nível dos padrões”, ora promete que não há padrões a serem mantidos, os avanços acontecem rapidamente e as metas permanecem distantes, na tentativa de alcançá-las.

Os valores reconstroem-se cotidianamente nas relações que são estabelecidas em sociedade, e diante dessa modernidade de relacionamentos, as crianças e adolescentes sofrem com mais intensidade as interferências dessas mudanças sociais, pois nesses períodos, as transformações psicológicas, sociais e culturais estão mais influentes nas definições de personalidade do adulto.

Bauman (1998, p. 29) reflete que “as pessoas são diferentes [...], mas são diferentes por causa da diversidade das tradições locais e particularísticas em que elas crescem e amadurecem. São produtos da educação, criaturas da cultura e, por isso, flexíveis e dóceis de serem reformadas”. Assim, na modernidade e liquidez das relações, compreende-se que a disciplina pode significar antes de tudo, a reorganização social e a ordem no alinhamento de padrões, nessas relações, ser disciplinado é estar adaptado ao ambiente. Contudo, quando a formação humana, busca a autonomia, a criticidade, o respeito e alteridade das relações, o ser humano está consciente de que sua disciplina não será vista como adaptação e aceitação social, mas sim de uma atitude consciente de que dessa forma, as relações serão saudáveis, construindo uma sociedade que respeitará o ser humano acima de tudo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa nova perspectiva da educação, faz com que os professores muitas vezes se veem perdidos na maneira de intervir nas atitudes de seus alunos, em vezes distorcendo ações típicas deste período, em ações indisciplinadas. E como movimento natural de sala de aula, o professor

se encontra num paralelo de não saber o que fazer, mas no dever de intervir, e é isso que demonstra seu interesse pelo que o aluno aprende e não pelo que apenas ensina. E é nessa dialética que o professor necessita trazer o aluno à sua aula, motivando-o e demonstrando interesse pelas suas vivências, buscando uma discussão que envolva a sua realidade, construindo uma coletividade de conhecimentos.

É possível ainda uma reflexão que considere a modernidade das relações estabelecidas socialmente, e a liquidez que as mantêm, sendo que toda e qualquer relação pode se dar de modo efêmero, passageiro, na qual as identidades não são construídas de modo a construir humanidade, mas sim, na de suprir necessidades e desejos momentâneos, não considerando o outro como igual, que busca também uma relação saudável, todavia, como um concorrente, adversário, que luta pelo mesmo espaço. E nesta perspectiva, a indisciplina se mostra como uma ação de contradição a uma sociedade que não vê na criança e no adolescente, o potencial de um cidadão melhor, que não apenas segue regras e ordens, mas que reflete sobre as mesmas.

Este trabalho permitiu um olhar holístico em relação à indisciplina, ou seja, vê-la, examiná-la, discuti-la e refletir sobre o que leva o aluno a ser indisciplinado, diante de fatores que influenciam na formação do seu ser, e que de certo modo, está em contradição com aquilo que se transforma internamente e nas influências externas. A indisciplina grita nas salas de aula, contudo, as palavras e ações que os alunos recebem por influências, são silenciosas e de algum modo, o aluno a utiliza como modo de alertar que em algum momento do processo, algo se perdeu, e o professor deve tomar a responsabilidade de intervir e auxiliar nas angústias dos seus alunos.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Julio Groppa (Org.). **Indisciplina na Escola:** Alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1994.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida.** Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar. 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade.** Tradução de Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

ECCHELI, Simone Deperon. A motivação como prevenção da indisciplina. **Educar.** Curitiba, n. 32, p. 199-213, 2008. Editora UFPR. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/er/n32/n32a14>. Acesso em: 10 de maio de 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa.

São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GUIMARÃES, Áurea M. **Indisciplina e violência: a ambiguidade dos conflitos na escola.** In: AQUINO, Julio Groppa. Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1994.

LA TAILLE, Yves de; JUSTO, José Sterza; PEDRO-SILVA, Nelson. **Indisciplina, disciplina: ética, moral e ação do professor.** 5ª ed. Porto Alegre: Mediação, 1994.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **A sala de aula como espaço para o “jogo do saber”.** In: MORAIS, Regis de (Org.). Sala de aula: que espaço é esse?. 22 ed. Campinas: Papirus, 2009.

PARRAT-DAYAN, Silvia. **Como enfrentar a indisciplina na escola.** Tradução de Silvia Beatriz Adoue e Augusto Juncal. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2015.

REGO, Tereza Cristina R. **A indisciplina e o processo educativo: uma análise na perspectiva vygotskiana.** In: AQUINO, Julio Groppa. Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1994.

ZAGURY, Tania. **Limites sem trauma: construindo cidadãos.** 69ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.